



The Raven

um poema de

EDGAR ALLAN POE

O Corvo

traduzido por

FERNANDO PESSOA



Poema de Edgar Allan Poe
publicado em 29 de janeiro de 1845
e traduzido por Fernando Pessoa
no ano de 1924

Esta edição e design foram feitas
por Zião Clarice Dionísio, em 2025,
com ilustrações de Gustave Dore
na capa, contracapa e página ao lado
(a cabeça de corvo é de Édouard Manet)

Publicado em 3 de fevereiro de 2025
na cidade de Colatina (ES)
com patrocínio de Olney Braga,
M. Isolina de C. Soares, Antonio A. Bermond,
Suely S. Zanotelli, Pedro H. de A. Passamani
e apoiadores da editora no Apoia.se



The Raven

um poema de

EDGAR ALLAN POE



traduzido por

FERNANDO PESSOA

como

O Corvo



Once upon a midnight dreary,
 while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious
 volume of forgotten lore –
While I nodded, nearly napping,
 suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping,
 rapping at my chamber door.
"Tis some visiter," I muttered,
 "tapping at my chamber door –
 Only this and nothing more."

The Raven (Stanza 1)
a poem by Edgar Allan Poe



Numa meia-noite agreste,
quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de
ciências ancestrais,
E já quase adormecia,
ouvi o que parecia
O som de alguém que batia
levemente a meus umbrais.
“Uma visita”, eu me disse,
“está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais.”

O Corvo (Estrofe I)

Tradução de Fernando Pessoa



Ah, distinctly I remember
it was in the bleak December;
And each separate dying ember
wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow;
- vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow -
sorrow for the lost Lenore -
For the rare and radiant maiden
whom the angels name Lenore -
Nameless here for evermore.

The Raven (Stanza 2)
a poem by Edgar Allan Poe



Ah, que bem disso me lembro!
Era no frio dezembro,
E o fogo, morrendo negro,
urdiu sombras desiguais.
Como eu qu'ria a madrugada,
toda a noite aos livros dada
P'ra esquecer (em vão!) a amada,
hoje entre hostes celestiais -
Essa cujo nome sabem
as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!

O Corvo (Estrofe 2)

Tradução de Fernando Pessoa



And the silken, sad, uncertain
rustling of each purple curtain
Thrilled me – filled me with
fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating
of my heart, I stood repeating
“ 'Tis some visiter entreating
entrance at my chamber door –
Some late visiter entreating
entrance at my chamber door; –
This it is and nothing more.”

The Raven (Stanza 3)
a poem by Edgar Allan Poe



Como, a tremer frio e frouxo,
cada reposteiro roxo
Me incutia, urdia estranhos terrores
nunca antes tais!
Mas, a mim mesmo infundido força,
eu ia repetindo,
“É uma visita pedindo entrada
aqui em meus umbrais;
Uma visita tardia
pede entrada em meus umbrais.
É só isto, e nada mais”.

O Corvo (Estrofe 3)

Tradução de Fernando Pessoa



Presently my soul grew stronger;
hesitating then no longer,
“Sir,” said I, “or Madam,
truly your forgiveness I implore;
But the fact is I was napping,
and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping,
tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you” –
here I opened wide the door; –
Darkness there and nothing more.

The Raven (Stanza 4)
a poem by Edgar Allan Poe



E, mais forte num instante,
já nem tardo ou hesitante,
“Senhor”, eu disse, “ou senhora,
decerto me desculpais;
Mas eu ia adormecendo,
quando viestes batendo,
Tão levemente batendo,
batendo por meus umbrais,
Que mal ouvi...” E abri largos,
franqueando-os, meus umbrais.
Noite, noite e nada mais.

O Corvo (Estrofe 4)

Tradução de Fernando Pessoa



Deep into that darkness peering,
 long I stood there wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams
 no mortal ever dared to dream before;
But the silence was unbroken,
 and the stillness gave no token,
And the only word there spoken
 was the whispered word, "Lenore?"
This I whispered, and an echo
 murmured back the word, "Lenore!" –
 Merely this and nothing more.

The Raven (Stanza 5)
a poem by Edgar Allan Poe



A treva enorme fitando,
fiquei perdido receando,
Dúbio e tais sonhos sonhando
que os ninguém sonhou iguais.
Mas a noite era infinita,
a paz profunda e maldita,
E a única palavra dita
foi um nome cheio de ais -
Eu o disse, o nome dela,
e o eco disse aos meus ais.
Isso só e nada mais.

O Corvo (Estrofe 5)

Tradução de Fernando Pessoa



Back into the chamber turning,
 all my soul within me burning,
Soon again I heard a tapping
 somewhat louder than before.
“Surely,” said I, “surely that
 is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is,
 and this mystery explore –
Let my heart be still a moment
 and this mystery explore; –
 ‘Tis the wind and nothing more!”

The Raven (Stanza 6)
a poem by Edgar Allan Poe



Para dentro então volvendo,
toda a alma em mim ardendo,
Não tardou que ouvisse
novo som batendo mais e mais.
“Por certo”, disse eu,
“aquela bulha é na minha janela.
Vamos ver o que está nela,
e o que são estes sinais.”
Meu coração se distraía
pesquisando estes sinais.
“É o vento, e nada mais.”

O Corvo (Estrofe 6)

Tradução de Fernando Pessoa



Open here I flung the shutter,
 when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven
 of the saintly days of yore;
Not the least obeisance made he;
 not a minute stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady,
 perched above my chamber door –
Perched upon a bust of Pallas
 just above my chamber door –
 Perched, and sat, and nothing more.

The Raven (Stanza 7)
a poem by Edgar Allan Poe



Abri então a vidraça,
e eis que, com muita negaça,
Entrou grave e nobre um corvo
dos bons tempos ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento,
não parou nem um momento,
Mas com ar solene e lento
pousou sobre os meus umbrais,
Num alvo busto de Atena
que há por sobre meus umbrais,
Foi, pousou, e nada mais.

O Corvo (Estrofe 7)

Tradução de Fernando Pessoa



Then this ebony bird
beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum
of the countenance it wore,
“Though thy crest be shorn and shaven,
thou,” I said, “art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven
wandering from the Nightly shore –
Tell me what thy lordly name
is on the Night's Plutonian shore!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

The Raven (Stanza 8)
a poem by Edgar Allan Poe



E esta ave estranha e escura fez sorrir
minha amargura

Com o solene decoro
de seus ares rituais.

“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu,
“mas de nobre e ousado,

Ó velho corvo emigrado
lá das trevas infernais!

Dize-me qual o teu nome
lá nas trevas infernais.”

Disse o corvo, “Nunca mais.”

O Corvo (Estrofe 8)

Tradução de Fernando Pessoa



Much I marvelled this ungainly fowl
to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning
- little relevancy bore;
For we cannot help agreeing
that no living human being
Ever yet was blessed with seeing
bird above his chamber door -
Bird or beast upon the sculptured bust
above his chamber door,
With such name as "Nevermore."

The Raven (Stanza 9)
a poem by Edgar Allan Poe



Pasmei de ouvir este raro pássaro
falar tão claro,
Inda que pouco sentido
tivessem palavras tais.
Mas deve ser concedido
que ninguém terá havido
Que uma ave tenha tido
pousada nos seus umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto
que há por sobre seus umbrais,
Com o nome “Nunca mais.”

O Corvo (Estrofe 9)

Tradução de Fernando Pessoa



But the Raven, sitting lonely
on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul
in that one word he did outpour.
Nothing farther then he uttered –
not a feather then he fluttered –
Till I scarcely more than muttered
“Other friends have flown before –
On the morrow he will leave me,
as my Hopes have flown before.”
Then the bird said “Nevermore.”

The Raven (Stanza 10)
a poem by Edgar Allan Poe



Mas o corvo, sobre o busto,
nada mais dissera, Augusto,
Que essa frase, qual se nela
a alma lhe ficasse em ais.
Nem mais voz nem movimento fez,
e eu, em meu pensamento
Perdido, murmurei lento,
“Amigos, sonhos – mortais
Todos – todos já se foram.
Amanhã também te vais”.
Disse o corvo, “Nunca mais”.

O Corvo (Estrofe 10)
Tradução de Fernando Pessoa



Startled at the stillness broken
by reply so aptly spoken,
“Doubtless,” said I, “what it utters
is its only stock and store
Caught from some unhappy master
whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster
till his songs one burden bore –
Till the dirges of his Hope
that melancholy burden bore
Of ‘Never – nevermore’.”

The Raven (Stanza 11)
a poem by Edgar Allan Poe



A alma súbito movida
por frase tão bem cabida,
“Por certo”, disse eu,
“são estas vozes usuais,
Aprendeu-as de algum dono,
que a desgraça e o abandono
Seguiram até que o entono
da alma se quebrou em ais,
E o bordão de desesp’rança
de seu canto cheio de ais
Era este “Nunca mais”.

O Corvo (Estrofe 11)
Tradução de Fernando Pessoa



But the Raven still beguiling
my sad fancy into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat
in front of bird, and bust and door;
Then, upon the velvet sinking,
I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking
what this ominous bird of yore –
What this grim, ungainly, ghastly,
gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking “Nevermore.”

The Raven (Stanza 12)
a poem by Edgar Allan Poe



Mas, fazendo inda a ave escura
sorrir a minha amargura,
Sentei-me defronte dela,
do alvo busto e meus umbrais;
E, enterrado na cadeira,
pensei de muita maneira
Que qu'ria esta ave agoureira
dos maus tempos ancestrais,
Esta ave negra e agoureira
dos maus tempos ancestrais,
Com aquele "Nunca mais".

O Corvo (Estrofe 12)

Tradução de Fernando Pessoa



This I sat engaged in guessing,
 but no syllable expressing
To the fowl whose fiery eyes
 now burned into my bosom's core;
This and more I sat divining,
 with my head at ease reclining
On the cushion's velvet lining
 that the lamp-light gloated o'er,
But whose velvet-violet lining
 with the lamp-light gloating o'er,
 She shall press, ah, nevermore!

The Raven (Stanza 13)
a poem by Edgar Allan Poe



Comigo isto discorrendo,
mas nem sílaba dizendo
À ave que na minha alma
cravava os olhos fatais,
Isto e mais ia cismando,
a cabeça reclinando
No veludo onde a luz punha
vagas sombras desiguais,
Naquele veludo onde ela,
entre as sombras desiguais,
Reclinar-se-á nunca mais!

O Corvo (Estrofe 13)
Tradução de Fernando Pessoa



Then, methought, the air grew denser,
perfumed from an unseen censer
Swung by seraphim whose foot-falls
tinkled on the tufted floor.

“Wretch,” I cried, “thy God hath lent thee
– by these angels he hath sent thee
Respite – respite and nepenthe,
from thy memories of Lenore;
Quaff, oh quaff this kind nepenthe
and forget this lost Lenore!”

Quoth the Raven “Nevermore.”

The Raven (Stanza 14)
a poem by Edgar Allan Poe



Fez-se então o ar mais denso,
 como cheio dum incenso
Que anjos dessem,
 cujos leves passos soam musicais.
“Maldito!”, a mim disse,
 “deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te.
 Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces,
 e que faz esses teus ais!”
 Disse o corvo, “Nunca mais”.

O Corvo (Estrofe 14)
Tradução de Fernando Pessoa



“Prophet!” said I, “thing of evil! –
 prophet still, if bird or devil! –
Whether Tempter sent, or whether
 tempest tossed thee here ashore,
Desolate yet all undaunted,
 on this desert land enchanted –
On this home by Horror haunted –
 tell me truly, I implore –
Is there – is there balm in Gilead?
 – tell me – tell me, I implore!”
 Quoth the Raven “Nevermore.”

The Raven (Stanza 15)
a poem by Edgar Allan Poe



“Profeta”, disse eu,
 “profeta - ou demônio ou ave preta!
Fosse diabo ou tempestade
 quem te trouxe a meus umbrais,
A este luto e este degredo,
 a esta noite e este segredo,
A esta casa de ânsia e medo,
 dize a esta alma a quem atrais
Se há um bálsamo longínquo
 para esta alma a quem atrais!
 Disse o corvo, “Nunca mais”.

O Corvo (Estrofe 15)
Tradução de Fernando Pessoa



“Prophet!” said I, “thing of evil!
– prophet still, if bird or devil!
By that Heaven that bends above us –
by that God we both adore –
Tell this soul with sorrow laden if,
within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden
whom the angels name Lenore –
Clasp a rare and radiant maiden
whom the angels name Lenore.”
Quoth the Raven “Nevermore.”

The Raven (Stanza 16)
a poem by Edgar Allan Poe



“Profeta”, disse eu, “profeta –
ou demônio ou ave preta!

Pelo Deus ante quem

ambos somos fracos e mortais.

Dize a esta alma entristecida

se no Éden de outra vida

Verá essa hoje perdida

entre hostes celestiais,

Essa cujo nome sabem

as hostes celestiais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

O Corvo (Estrofe 16)

Tradução de Fernando Pessoa



“Be that word our sign of parting,
bird or fiend!” I shrieked, upstarting –
“Get thee back into the tempest
and the Night’s Plutonian shore!
Leave no black plume as a token
of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken! –
quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart,
and take thy form from off my door!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

The Raven (Stanza 17)
a poem by Edgar Allan Poe



“Que esse grito nos aparte,
ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!
Torna à noite e à tempestade!
Torna às trevas infernais!
Não deixes pena que ateste
a mentira que disseste!
Minha solidão me reste!
Tira-te de meus umbrais!
Tira o vulto de meu peito
e a sombra de meus umbrais!”
Disse o corvo, “Nunca mais”.

O Corvo (Estrofe 17)
Tradução de Fernando Pessoa



And the Raven, never flitting,
still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas
just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming
of a demon's that is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming
throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow
that lies floating on the floor
Shall be lifted - nevermore!

The Raven (Stanza 18)
a poem by Edgar Allan Poe

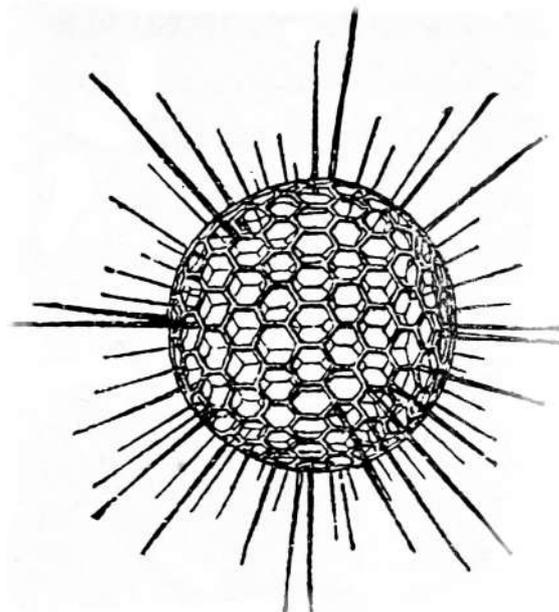


E o corvo, na noite infinda,
está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena
que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor
de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra
no chão há mais e mais,
E a minha alma dessa sombra
que no chão há mais e mais,
Libertar-se-á – nunca mais!

O Corvo (Estrofe 18)

Tradução de Fernando Pessoa





Esta é a 44ª obra publicada pela editora
Tropicalversos (fundada em março de 2023)

Outras zines e revistas estão disponíveis em
www.tropicalversos.com

Apoie a editora pelo site apoia.se/tropicalzin
ou pelo pix poetaziao@gmail.com





tropicalversos.com